



*Doutor em Teologia
Fundamental pela
Pontifícia Universidade
Gregoriana de
Roma. Professor do
Departamento de
Teologia Fundamental
da Pontifícia
Universidade Católica
de São Paulo (PUC-SP).

A poética do devir a partir da hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur

*Donizete José Xavier**

Resumo:

O presente artigo intenta perquirir como a ideia de uma poética do devir está presente na hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur, demonstrando que a Bíblia se classifica, para o autor, como um grande poema da existência e da fé. Nesse estudo da poética do devir, observa-se que o leitor da Bíblia apresenta-se como um maestro que executa uma partitura musical. Nesses termos, ao executar o texto, pelo ato da leitura, o leitor, reflete, imagina e interpreta o horizonte imaginativo que lhe afeta. Daí compreende-se que é o mundo do texto bíblico que se desnuda diante dele, o que caracteriza o discurso da sua fé na qualidade de discurso poético. Enfim, percebe-se que a poética do devir na hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur possui uma inteligência de princípio: por meio dela, o homem pode nomear a Deus e refigurar a sua própria vida.

Palavras-chave: hermenêutica,
poesia, metáfora, revelação.

Abstract:

The hereby article purpose to assert as

an idea of a becoming poetic is present in the biblical hermeneutics of Paul Ricoeur, demonstrating which the Bible classify itself, for the author, as a big poem of existence and faith. In this study of becoming poetic, it is observed that the Bible's reader is presented as a conductor who performs a musical score. In these terms, to execute the text, by the act of reading, the reader reflects, imagine and interpret the imaginative horizon that affects you. Whence, it is understood that is the world of the biblical text that naked before it, what characterizes the speech of their faith in the quality of poetic speech. Ultimately, it is realized which the becoming poetic in the biblical hermeneutics of Paul Ricoeur has an intelligence of principle: through it, the man can name God and refigure his own life.

Key words: hermeneutic, poetry, metaphor, revelation.

Introdução

Um dos temas mais fecundos para compreender a poética do devir na hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur é a sua afirmação de que a Bíblia é um grande poema¹. Com sua teoria hermenêutica, o mundo do texto bíblico é a nova categoria que se descortina diante do leitor que toma em suas mãos os textos de sua fé. O leitor da Bíblia, como um maestro que executa uma partitura musical, ao executar o texto, pelo ato da leitura, reflete, imagina e interpreta o horizonte que lhe afeta. É o mundo do texto bíblico que se desnuda diante dele, o que caracteriza o discurso da sua fé na qualidade de discurso poético. Podemos intuir que a poética do devir a partir da hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur possui uma inteligência de princípio: por meio dela, o homem pode nomear a Deus e refigurar a sua própria vida. Ao entrar pela porta estreita do texto, o leitor pode acolher imaginativamente o novo que a poética oferece-lhe e renovar-se inteiramente. A literatura exerce um papel determinante na reconstrução da pessoa humana. Pelo poder refigurante da poética, pela arte do devir, a arte de tecer intrigas, a chave de compreensão do grau mais elevado da nomenclatura de Deus e a refiguração do homem, exige apenas uma coisa, seguir a seta de sentido da palavra Deus e da

1. Cf. P. RICOEUR, "Entre philosophie et théologie II: nommer Dieu", in P. RICOEUR, *Lectures*
3. *Aux frontières de la philosophie*, Seuil, Paris, 1994, 281-305.

palavra homem.

1. A linguagem poética e a questão da revelação bíblica de Deus

O reconhecimento da revelação bíblica de Deus também como um acontecimento que se realiza por meio da linguagem poética é o que tem suscitado no campo da Teologia o interesse pela análise da linguagem, por uma nova constituição semiótica e pela pragmática linguística. O interesse da linguística cognitiva, da teoria da metáfora pela Teologia contemporânea tem acentuado que a poética, a metáfora, a inovação semântica, como um tema central da epistemologia teológica atual². Entre os autores que estudam a Teologia da revelação, é frequente a observação de que em razão da própria etimologia da palavra latina *re-velatio* é que emana a compreensão da revelação de Deus não somente como o ato de tirar o véu, mas também a condição de velar de novo. É o prefixo *re* que impõe a dinâmica entre o desvelamento e o ocultamento. Da passagem do velado ao descoberto registra-se a dialética entre revelação e ocultamento. Disso decorre compreender que a revelação de Deus, manifestada na história é um ato de sua infinita gratuidade, porém sem esgotar-se nela. Em relação disso, há a necessidade de compreender que a revelação de Deus mantém a paradoxalidade do seu mistério revelado. O excedente do seu mistério no ato gratuito de sua revelação é o que garante que o Deus *revelatus* seja o Deus *absconditus* e vice e versa. Daí a importância da poética da nominação de Deus, que move a consciência do homem que crê desde o dado originário da sua fé às múltiplas experiências da tessitura do seu existir. O dado originário

2. Cf. L. BOEVE, *L'inguistica ancilla theologiae. L'intérêt de la linguistique cognitive pour la théologie fondamentale*, in *REVUE THÉOLOGIQUE DE LOUVAIN*, Louvain-la-Neuve, 32°, Fasc. 2, 2001, 218-239.

como paradoxal é o que caracteriza a poética de Deus inscrita na história. Sendo assim, é abertura ao seu sentido mais profundo que caracteriza o trabalho poético das significações da linguagem humana assumida por Deus em sua manifestação aos homens. O caminho da revelação de Deus na carne da história conduz aos espaços da poesia, porque o mistério profundo de sua significação nos remetem, a uma certa sacramentalidade da linguagem. Desta feita, encontramos-nos diante de uma linguagem que diz, opera e evoca, permitindo-nos entrar, verdadeiramente, nas profundezas da inesgotabilidade do mistério revelado de Deus³. Nesses termos, poder-se-ia dizer que, como afirma Paul Ricoeur, que a poesia realiza de modo singular a nomação de Deus sem incidências sobre a descrição⁴. É ela uma linguagem do profundo.

Para o nosso filósofo, o sentido das figuras de Deus vinculam-se as diversas formas de discursos que dizem poeticamente a Deus e sua revelação; a ideia da revelação de Deus pode ser acolhida imaginativamente, o que permite inferir que é a fé bíblica o que permite, ao homem, nomear a Deus e reconhecê-Lo como um Deus Sinfônico que obedece às sonoridades do poema e suas significações. O estudo da análise da linguagem realizada pelo filósofo contribui efetivamente na tarefa da compreensão de que a linguagem humana, em sua dimensão poética, é uma mediação por excelência da revelação de Deus⁵. Como a questão da linguagem afeta o coração da teologia, o estudo das nuances apresentadas pelo filósofo nos ajuda a compreender os fundamentos que a

3. Cf. B. FORTE, *Uma Teologia para a vida. Fiel ao céu e à terra*, Lisboa, Paulus, 2011, 73.

4. Cf. P. RICOEUR, "Entre philosophie et théologie II: nommer Dieu, in P. RICOEUR, *Lectures 3. Aux frontières de la philosophie*, Paris, Seuil, 1994, 287.

5. Cf. P. RICOEUR, Herméneutique de l'idée de Révélation, in P. RICOEUR, E. LEVINAS, E. HAULOTTE, E. CORNÉLIS, CL. GEFFRÉ, *La Révélation*, Facultés universitaires Saint-Louis, Bruxelles, 1984, 15-54.

sustenta, os seus mecanismos linguísticos e metalinguísticos e as condições de sua aplicabilidade, seu alcance e seu valor semântico no texto e na ação. Como teólogos, somos sabedores de que não há verdadeira teologia sem uma dosagem de poesia, sem um mínimo de metáforas, sem o uso do campo imaginativo, por outro lado, de que não há literatura que não esteja sustentada por um tecido elementar das ideias cognitivas. Sendo assim, compreendemos que a poesia é, por excelência, um lugar onde se registra a correlação entre a teologia e a literatura. Se a teologia trabalha com conceitos, o labor da literatura passa, necessariamente, pelo horizonte das imagens⁶, então a poesia torna-se efetivamente um *locus* deste encontro. Nas palavras de Adolphe Gesché: “a literatura pode constituir uma verdadeira antropologia e também iluminar o teólogo em busca de uma consciência do homem por uma teologia pertinente”⁷. Uma antropologia que emerge da literatura se nos apresenta também como epistemologia da teologia. Daí a importância de seguir poeticamente a seta da palavra Deus e da palavra homem.

2. A relação entre linguagem religiosa e poética

Falar da poética do devir na hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur sugere-nos, *a priori*, averiguar a questão da linguagem poética da fé do ponto de vista de sua significação e referencialidade. Para o nosso filósofo, o discurso religioso é merecedor de uma pertinente análise porque nele se diz algo que não é dito nas

6. Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *El quehacer de la Teología*, Salamanca, Sigueme, 2008, 435.

7. A. GESCHÉ, “La théologie dans le temps de l’homme”, in J. VERMEYLEN, *Cultures et théologies en Europe. Jaalons pour um dialogue*, Paris, Cerf, 1995, 124.

outras modalidades de discurso⁸. Daí a importância da relação estabelecida entre a linguagem religiosa e a poética. Um pormenor significativo que podemos mencionar é que a especificidade da linguagem religiosa desvela-se à medida que a função poética aparece como seu *organon*. O discurso poético é dispensador da proposição de um mundo possível e ao mesmo tempo o lugar de encontro entre a poética e a nomeação de Deus. Nesse sentido, parafraseando Paul Ricoeur, o nomear a Deus, de nossa parte, só é possível em decorrência à nomeação já realizada pelos textos poéticos de nossa fé⁹. É o dizer Deus no horizonte da linguagem que rege a constelação das palavras-chave que constitui a semântica poética da linguagem teológica. A realidade produzida pela palavra Deus abre novos horizontes à compreensibilidade da nossa linguagem. A palavra humana é tocada pelo conceito-limite Deus cuja inteligibilidade registra-se como uma espécie de apresentação indireta do incondicionado¹⁰.

3. A poética, a linguagem religiosa e o conceito bíblico de revelação

Para aperceber-se desta fina dialética que Paul Ricoeur realiza entre os conceitos de poética, linguagem religiosa e revelação bíblica, faz-se necessário, *a priori*, observar, em seus escritos, que tal aferição realiza-se a partir, do que denomina, por conceito polifônico da revelação e sua significação analógica às múltiplas vozes que dizem a Deus. O filósofo, perguntando-se pelo papel do significado Deus nos diversos discursos bíblicos que constituem a unidade da Escritura, opta pelo policentrismo literário bíblico para

8. Cf. P. RICOEUR, E. JÜNGEL, *Dire Dio. Per un'ermeneutica del linguaggio religioso*, Brescia, 2005.

9. Cf. P. RICOEUR, "Entre philosophie et théologie II: nommer Dieu", in P. RICOEUR, *Lectures 3. Aux frontières de la philosophie*, Seuil, Paris, 1994, 281-305.

10. Cf. P. RICOEUR, *L'herméneutique biblique*, Cerf, Paris, 2010, 147-252.

falar da revelação de Deus. Para ele, os textos que dizem à fé nomeiam à Deus, nesse sentido, a passagem por eles requer efetivamente o ato da interpretação, como critério para encontrá-Lo presente nos textos, uma vez que, antes de fazer-se presente nesses, Deus faz-se presente na história. Ávido pela busca de sentido, em sua hermenêutica da ideia de revelação, Paul Ricoeur, evidencia o sentido duplo do revelado-escondido nas expressões múltiplas das formas literárias¹¹.

Considerando as diferentes formas de linguagem narrativas analisa a revelação de Deus desde a contaminação solidária, como costumava dizer, das diversas formas literárias que constituem a ideia polifônica de Sua nomeação. O Deus que se revela nas múltiplas vozes que O nomeiam é verdadeiramente um Deus sinfônico que esconde-se dentro do texto. Daí o caráter simbólico e poético da linguagem religiosa. Nesse sentido, o homem pode falar de Deus (voz narrativa), ou ainda falar no nome de Deus (voz profética e prescritiva), bem como falar a Deus (voz hínica) e, por fim, falar sobre Deus (voz sapiencial). Em cada um desses discursos nominativos de Deus expressa-se tanto uma experiência vivida como uma possibilidade de decifrar o enigma de Deus e o enigma do homem.

4. O caráter simbólico e poético da linguagem religiosa

Paul Ricoeur, com sua teoria da linguagem, evidencia que a palavra em sua condição simbólica tem o poder de significar através do seu significado. A linguagem, em sua transparência e poeticidade, é um meio por excelência da revelação de Deus na

11. Cf. P. RICOEUR, "Herméneutique de l'idée de Révélation", in P. RICOEUR, E. LEVINAS, E. HAULOTTE, E. CORNÉLIS, CL. GEFFRÉ, *La Révélation*, Facultés Universitaires Saint-Louis, Bruxelles, 1984, 15-54.

história. É a semântica do caráter simbólico da linguagem religiosa, em seu poder de esconder e revelar, um agente verdadeiramente descortinador da fisionomia corporal da revelação, uma vez que, como afirma o filósofo, é no sacramental que a recuperação do simbolismo triunfa¹². A revelação de Deus insere-se nessa lógica paradoxal, cujo rosto textual, aponta para a ideia de que a Escritura é por excelência a mediação de um Deus que é “com” os homens. Tal é a poética da nossa existência e da revelação de Deus na carne da história, articulada pelo filósofo.

5. A poética e a acolhimento imaginativo da ideia de revelação

Paul Ricoeur ao abordar a ideia das múltiplas vozes que nomeiam a Deus e a maneira polifônica de sua revelação, assume um duplo caminho, no que diz respeito, ao acolhimento da revelação de Deus e de sua expressividade. Se por um lado, o filósofo deixa-nos claro a necessidade de recuperarmos o sentido da revelação presente na Escritura, por outro, encontramos com sua novidade: a possibilidade de acolhermos a revelação de Deus imaginativamente. Essa aferição ricoeuriana coloca em evidência a eclosão da revelação de Deus no horizonte da linguagem, o que enriquece e ressalta o estatuto fundamental da Teologia. O exercício teológico tem por tarefa a inteligibilidade da experiência do acontecimento da revelação. Diante disso, somos conscientes que essa revelação de Deus, no bojo da história, tem em si uma dimensão de poeticidade. É uma revelação que acontece sob uma forma poética.

Paul Ricoeur, contra uma visão arrogante da consciência

12. Cf. P. RICOEUR, “Manifestation et proclamation”, in E. CASTELLI, (dir.), *Le Sacré. Études et recherches. Actes du colloque organisé par le Centre International d'études humanistes et par l'institut d'études philosophique de Rome*, Paris, 1974, 76.

humana, expõe a ideia da função revelante do texto, uma vez que é a fé e a palavra que constituem a sua especificidade. O que se revela no texto é Aquele que se esconde. Como afirma o filósofo: entre o segredo e a manifestação se tem a revelação¹³. Fica-nos claro que para ele, a revelação bíblica e a poesia se articulam profundamente. Aquele que aparece também se revela poeticamente, como um mundo, o mundo do texto. Os textos bíblicos descortinam esse mundo que se propõe e que se abre a nossa imaginação. O mundo descortinado pelos textos de nossa fé é o mistério amoroso de Deus em sua plena expressividade. A revelação de Deus na carne da história é a significação interna desses textos, o mundo por eles projetado é a causa da inteligência de sua receptividade. Nesses termos, compreendemos o porquê para Paul Ricoeur a revelação de Deus pede para ser acolhida, interpretada e transmitida poeticamente.

Conclusão

Falar da poética do devir na hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur, sugere a importância da acolhida de algumas nuances ricoeurianas no terreno teológico. O interesse da linguística cognitiva pela teologia será cada vez mais acentuado. Constatação, que evidencia, que a reflexibilidade da linguística moderna poderá contribuir, com novos meandros, efetivamente na recontextualização da epistemologia teológica. A teologia que se ocupa do tema da revelação de Deus na carne da história, pode evidenciar o dom poeticamente descrito nos textos bíblicos, cuja heurística garante

13. Cf. P. RICOEUR, "Herméneutique de l'idée de Révélation", in P. RICOEUR, E. LEVINAS, E. HAULOTTE, E. CORNÉLIS, CL. GEFFRÉ, *La Révélation*, Facultés Universitaires Saint-Louis, Bruxelles, 1984, 33.

a ideia de um “Deus poeticamente nomeado”. Nesse sentido, podemos considerar a ideia da revelação de Deus e o novo nascimento experimentado pelo homem no terreno fenomenológico da linguagem poética. É desta contaminação solidária entre literatura e teologia que se compreende, cada vez mais, que o inaudito irrompe a ordinariedade da nossa história deixando-se narrar poeticamente nas formas interlocutivas do seu povo como um signo de sua revelação. O homem, receptor da comunicação amorosa de Deus, decifra a sua vida no espelho das palavras dos textos de sua fé. Então a literatura bíblica permite-nos compreender que a questão do *Deus absconditus* diz respeito à ideia do *homo absconditus* a procura do seu conhecimento. Graças a resolução poética da nomenclatura bíblica de Deus, o conceito *langagièrè*, utilizado por Paul Ricoeur, corrobora para compreender que, em termos de sistematização teológica, a inteligibilidade da revelação bíblica de Deus implica conscientizar-se das gravuras que Deus imprime na história, permitindo assim, que o homem decifre o seu enigma na consciência de que o mistério do *Deus absconditus* o toca profundamente. Diante dessa constelação simbólica da linguagem poética, observa-se que Deus obedece às múltiplas vozes dos seus recitantes, e o homem, narrando à Deus, narra-se na decifração do seu enigma e do seu mistério. Sendo assim, a linguagem poética é um meio da manifestação assimétrica do acontecimento da revelação. Quando considera-se a iniciativa de Deus, como primado ontológico de sua manifestação, é preciso ressaltar que entre a iniciativa de Deus e a capacidade de acolhida do homem figuram-se num quadro simbólico e existencial, onde a relação é de com-

plementaridade e não de reciprocidade¹⁴. O Deus “poeticamente nomeado” como Criador e Redentor é Aquele que reserva para si a gratuidade do seu Amor, deixando-se, concomitantemente, narrar-se pelas mediações linguísticas humanas. Nesse sentido, o tripé apresentado pelo filósofo: escrita, obra e mundo do texto são os elementos constitutivos da função reveladora do discurso poético que narra a Deus. O acento está na compreensão do sentido do texto, para onde a sua seta aponta. Então, apreendemos da literatura, de que, é pela arte da leitura que o homem apropria-se do sentido descortinado pelo texto recebendo dele as condições reais para transformar-se. Daí a pertinência de acentuar teologicamente que: a poética do nome de Deus exerce uma profunda ingerência na vida do homem. Esse, compreende-se diante dos textos de sua fé, compreende-se diante de Deus que lhe fala e se revela. A qualificação poética da nomenclatura de Deus é o que garante a fina dialética entre o texto e a ação, de tal forma que, a poética do nome de Deus, impulsiona o homem para fora de si mesmo, em uma atitude de abertura, que o faz caminhar em direção a sua existência no mundo e sua relação ético-político com os outros¹⁵.

Por fim, podemos evidenciar de que, se tratando do tema da poética como devir a partir da hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur, faz-se necessário retomar a relação entre hermenêutica filosófica e hermenêutica bíblica, que o filósofo realiza, para buscar maior inteligibilidade da manifestação de Deus no seio da história. A mútua relação entre as duas hermenêuticas é o que possibilita melhor compreensão dos signos da revelação no horizonte

14. Cf. A. THOMASSET, *Paul Ricoeur. Une poétique de la morale. Aux fondements d'une éthique herméneutique et narrative dans une perspective chrétienne*, Bibliotheca Ephemeridum theologicarum lovaniensium, Leuven-Louvain, 1996, 325.

15. Cf. P. RICOEUR, “Entre philosophie et théologie II: nommer Dieu”, in P. RICOEUR, *Lectures 3. Aux frontières de la philosophie*, Seuil, Paris, 1994, 302.

da linguagem. Nesse sentido, é possível pensar a revelação de Deus e o mistério do homem na lógica de um *intellectus amoris*. A manifestação de Deus e a dignidade da vida do homem devem ser interpretadas na lógica do amor. Primeiramente, porque, as ambas aferições em sua complementaridade, sugerem uma hermenêutica do amor. A autorrevelação de Deus como Amor é o que garante a assimetria do diálogo entre os amantes e o que impulsiona a dimensão ético-político da revelação de Deus no bojo da história. O amor que o Amor requer será sempre mais na carne da história, surpreendente, maduro, poético e supra-ético¹⁶.

Podemos dizer que a poética do devir na hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur, ajuda-nos a perceber que no terreno pastoral sugere uma linguagem do profundo e ao mesmo tempo existencial. Nesse sentido, falar do “Deus poeticamente nomeado” exigirá, cada vez mais, no exercício da pregação e da interpretação, um labor poético que se apresenta como um autêntico agente qualificador da linguagem religiosa. Se a vida humana é uma narrativa em busca de um narrador, é preciso percorrer o caminho da narrativa à vida. É pela narrativa que torna-se possível, para o homem, a refiguração da sua própria vida¹⁷. Nesse sentido, os pregadores da Palavra (Padres, Pastores, Rabinos, Sheikh), serão, sempre interpretes, interpretam para si e para a sua comunidade os textos de sua fé. Daí a importância de lê-los e interpretá-los poeticamente e agir testemunhalmente. Tal é a poética do devir que a hermenêutica bíblico-teológica de Paul Ricoeur oferece-nos. Consequentemente, o homem que crê, diante dos textos de sua

16. P. RICOEUR, “Entre philosophie et théologie I: La Règle d’Ore en question”, in P. RICOEUR, *Lectures 3. Aux frontières de la philosophie*, Sueil, Paris, 1994, 273-280.

17. Cf. P. RICOEUR, “A vida: uma narrativa em busca de narrador”, in P. RICOEUR, *Escritos e Conferências 1. Em torno da psicanálise*, Loyola, São Paulo, 2010, 197-211.

fé, refigura a sua vida no espelho das palavras lidas, proferidas e ouvidas, poeticamente.

Referências bibliográficas

- RICOEUR, P., *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique I*, Paris, 1969, 311-329.
- _____, «Manifestation et proclamation», in E. CASTELLI, (dir), *Le Sacré. Études et recherches. Actes du colloque organisé par le Centre International d'études humanistes et par l'institut d'études philosophique de Rome*, Paris, 1974, 57-76.
- _____, La philophie et la spécificité du langage religieux, in *Revue d'histoire et de philosophie religieuses* 55, nº 2-3, 1975, 13-26.
- _____, *La Méthaphore vive*, Paris, 1975.
- _____, «Herméneutique de l'idée de Révélation», in P. RICOEUR, E. LEVINAS, E. HAULOTTE, E. CORNÉLIS, CL. GEFFRÉ, *La Révélation*, 1977, Bruxelles, 15-54.
- _____, *Temps et récit 1. L'intrigue et le historique*, Paris, 1983.
- _____, *Temps et récit 2. La configuration dans le récit de fiction*, Paris, 1984.
- _____, *Temps et récit 3. Le temps raconté*, Paris, 1985.
- _____, *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*, Paris, 1986.
- _____, *Lectures 3. Aux frontières de la philosophie*, Paris, 1994.
- _____, *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*, Paris 1995.
- _____, *Penser la Bible*, Paris, 1998.
- _____, *L'herméneutique biblique*, Paris, 2001.
- _____, E. JÜNGEL, *Dire Dio. Per un'ermeneutica del linguaggio religioso*, Brescia, 2005.
- _____, *Amour et justice*, Seuil, Paris, 2008.
- _____, *Écrits et Conférences 2 – Hermenéutique*, Seuil, Paris 2010.
- _____, *L'herméneutique biblique*, Cerf, Paris, 2010.

Outras obras:

- BOEVE, L., «Linguistica ancilla theologiae. L'intérêt de linguistique cognitive pour la théologie fondamentale», in REVUE THÉOLOGIQUE DE LOUVAIN, Louvain-la-Neuve, 32, fasc. 2, 2001, 219-239.

- BÜHLER, P., FREY D., (dir.), *Paul Ricoeur: un philosophe lit la Bible. A l'entrecroisement des herméneutiques philosophique et biblique*. Labor et Fides, Genève, 2011.
- GESCHÉ, A., «L'apport de l'anthropologie à la théologie», in VERMEYLEN, J., *Cultures et théologies en Europe*, Paris, Cerf, 1995.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, O., *El quehacer de la Teologia*, Salamanca, Sigueme, 2008.
- GRAMPA, G., "Dire Dio: poetica e linguaggio religioso in Paul Ricoeur, in P. RICOEUR, E. JÜNGEL, *Dire Dio. Per un'ermeneutica del linguaggio religioso*, Brescia, 2005.
- THOMASSET, A., *Paul Ricoeur: Une poétique de la morale. Aux fondaments d'une éthique herméneutique et narrative dans une perspective chrétienne*, Bibliotheca Ephemeridum theologicarum Iovaniensium, Leuven-Louvain, 1996.